



“DA MÃO À BOCA, SE PERDE A SOPA”

De acordo com as previsões do International Grain Council (Market Information/Supply & Demand - 2020, June), a oferta global de cereais no exercício 2019/2020 poderá alcançar quase 2,8 bilhões de toneladas (colheita de aproximadamente 2,1 bilhões somada às 620 milhões oriundas dos estoques remanescentes do exercício anterior), enquanto a demanda poderá aproximar-se dos 2,2 bilhões, resultando no inventário de passagem de 615 milhões para a temporada 2020/2021. Já o levantamento para a mesma safra, elaborado pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos/USDA (World Agriculture Supply and Demand Estimates - 2020, July), prevê oferta de 2,7 bilhões de toneladas de cereais e estoque de passagem resultante de 609 milhões de toneladas.

A despeito dos mínimos desvios apurados nos relatórios, justificados pela grandeza da contabilidade dos variados cereais, o suprimento assegura abastecimento suficiente das cadeias produtivas, sustentado pela colheita de aproximadamente 1,1 bilhão de toneladas de milho e 337 milhões de toneladas de soja. No caso do farelo de soja, o estudo norte americano prognosticou oferta, beirando 239 milhões de toneladas. A agricultura brasileira contribuiu com mais de 100 milhões de toneladas de milho e 120 milhões de toneladas de soja (CONAB - Safra 2019/2020 – 10º Levantamento), cujo esmagamento redundou em quase 35 milhões de toneladas de farelo (Estatísticas ABIOVE).

A cadeia produtiva de proteína animal global deve consumir 707 milhões de toneladas de milho e 238 milhões de toneladas de farelo de soja, inventário que pode resultar na passagem para o exercício 2020/2021 de aproximadamente 312 milhões de toneladas de milho e 10 milhões de toneladas de farelo de soja (respectivamente 24% e 3,2% da demanda global em 2019/2020).

É importante salientar, contudo, que a valorização do dólar americano, o mergulho no preço do petróleo e os arrasadores efeitos econômicos da pandemia da Covid-19 sobre o PIB global/per capita representam variáveis que tem afetado diferen-

temente os importadores e os exportadores desses produtos agropecuários, por causa dos efeitos sobre a demanda e os preços do milho, da soja e farelo, e da proteína animal. O agronegócio brasileiro exportador, por sua vez, segue com a competitividade favorecida pelo câmbio que incrementa o faturamento em moeda nacional, embora a persistente recessão global teima pressionar os preços e arrefecer em certa escala os ganhos provocados pelo Real desvalorizado. Por exemplo, no período comparativo (junho/20 e junho/19) o preço do milho, em dólares, retrocedeu quase 25% (Chicago Mercantile Exchange/CME) e o farelo de soja recuou 3%. Contudo, aque-

le empreendedor pecuário brasileiro, que abastece exclusiva ou predominantemente o consumo doméstico, percebeu razoável corrosão na sua rentabilidade, pois a moeda nacional desvalorizada em 43% encareceu o milho em média 25% (R\$ 50,00/60kg contra R\$ 41,00/60kg; CEPEA/BMF Bovespa) e o farelo de soja 42% (R\$ 1.765,00/tonelada frente aos R\$ 1.247,00/tonelada; Jox). Incluindo na simulação os demais insumos e os aditivos importados, o custo das rações hipotéticas para frangos e suínos aumentou 24 p.p., enquanto os preços pagos ao frango vivo e ao suíno vivo retrocederam 3 p.p. e 10 p.p., respectivamente, no mesmo apurado supramencionado.

A generosa tonelagem projetada para a safra 2020/2021 dos Estados Unidos (soja na marca de 112 milhões e milho podendo alcançar 400 milhões de toneladas) pode somar-se às condições favoráveis ao plantio/produtividade na América do Sul, muito embora um hipotético “La Niña no radar possa amenizar o otimismo vigente. A maioria dos observadores acredita que a pecuária brasileira não será atormentada por escassez na próxima temporada, no entanto, tem observado que os clientes internacionais vêm, ano a ano, antecipando contratos, já que na temporada 2019/2020, eles asseguraram 95% das compras do milho brasileiro, antes mesmo da colheita, enquanto em 2009/2010 a fração não passou de 46% (IMEA/Agroconsult). O alerta aos grandes consumidores estabelecidos no Brasil é que “da mão à boca, se perde a sopa”. ■

O AGRONEGÓCIO
BRASILEIRO
EXPORTADOR
SEGUE COM A
COMPETITIVIDADE
FAVORECIDA
PELO CÂMBIO QUE
INCREMENTA O
FATURAMENTO EM
MOEDA NACIONAL



Ariovaldo Zani
é médico veterinário,
professor do MBA
PECEGE/ESALQ/USP